

A BUSCA DO TEATRO DE NEREIDE SANTIAGO – O CAMINHO DE SANTIAGO

Jorge BANDEIRA*
jorgebandeiramaral@hotmail.com
Diretor de Teatro no Amazonas



“Os ausentes são mortos temporários” (Millôr Fernandes)

A trajetória teatral da diretora e dramaturga Nereide Santiago percorre caminhos de particularidades no campo cênico, trajetos de um Teatro cristalizado por uma encruzilhada entre a experimentação e o burlesco e os resultados, ao longo deste percurso, denotam que podemos vislumbrar algumas luzes que acendem e apagam em cada montagem deste importante grupo chamado de A RÃ QI RI. Este caminho adentra agora na A BUSCA, sua mais recente produção para Teatro. Fôlego e reflexão nesta cena, onde algumas aparas poderão ser discutidas, ou descartadas pela trupe. O crítico aponta setas para algumas vias de soluções do espetáculo, mas ciente estou que o grupo possui sua linguagem rigorosa, e que hoje atua como um dos baluartes de um teatro de grupo, com tempo e disposição para futuros voos criativos. A rã coxa neste lago caboclo, nesta cena teatral local exercitada hoje como um evento esporádico, e de matizes tão antagônicas como complementares.

Nosso Teatro hoje é feito de um caudal de gêneros, uns confusos, outros revigorados, outros simplesmente efêmeros que só duram o fechar de um primeiro ato, ou sessão. Vamos começar esta busca, uma busca necessária para a compreensão do que almeja esta rã, este mapinguari teatral, este poderoso amuleto de nossa cena teatral. Um primeiro conceito chama a atenção do crítico: a enunciação de um teatro não-dramático, ou pós-dramático, um teatro feito da desconstrução da cena, onde a angústia dos personagens é patente, onde ocorrem fusões e cisões,

êxtases de deslocamentos no espaço-tempo, onde a caixa preta não responde ao simples fato do sumiço de um casal de amigos. Grupos cênicos e quadros que se colocam aos olhos dos espectadores naquele dia 3 de junho de 2011, no Teatro da Instalação, na 3ª apresentação desta A BUSCA, com texto e direção de Nereide Santiago e assistência de direção de Cleonor Cabral. Irma (Rosejane Farias) e Lugo (Augusto Marinho) são fluídos de uma existência e amizade, buscando um casal em fuga, casal este com propósitos oscilantes de encontros e desencontros, de rancores e dissabores.

O texto de Nereide é como um patchwork, um caleidoscópio onde o espectador acompanha fugas e desaparecimentos, num jogo lúdico onde o ator caminha para um nada, onde os personagens ecoam vertentes teatrais de um Ionesco ou de um Beckett, e isso é algo inevitável, pois há esta contaminação bem-vinda no texto e na encenação de Nereide Santiago, que abre seu caminho com os recursos honestos que possui, seus atores e a cenografia barroca, juntamente com seu figurino que também segue uma linha barroca. E a inserção dos vídeos de O Rio e Em Marte complementam esta sensação de perda, de algo trágico, de uma filosofia de Heráclito de Éfeso, de algo que se renova, mas que está fadado a um jogo de eterna repetição. Palavras que se repovoam, que se multiplicam, que são minimalismos semânticos, que sempre voltam a ribombar em nossos ouvidos, nesta A BUSCA que leva ao nada, ao lugar nenhum. Ou ao que já conhecemos, ao cotidiano banal e triste, ao enfadonho.

O Teatro de Nereide Santiago nos coloca neste caminho doloroso do refletir sobre nossa perenidade, sobre nossa inoperância frente à imortalidade, sobre uma busca de uma fonte da juventude que se converte em esclerose da atuação, uma vertigem capaz de nos fazer prosseguir. Os quadros se sucedem, ora levantados em placas brechtianas, e logo percebemos que os atores muitas das vezes “cantam” suas falas, aumentando assim a sensação de enfadonho de uma situação circular, e as marcas da direção trafegam nesta mesma ideia de circularidade, ao menos no palco italiano onde contemplei os penares e fugas dos personagens mambembes de A BUSCA.

Noto que a dramaturgia de Nereide recorre a estes elementos de comisseração, onde os personagens precisam se expor além dos palcos, clamam por uma saída deste nada e desta ausência presentificada. Aqui temos alguns diálogos que se fecham em pleno silêncio, dando vazão ao quadro seguinte, à passagem de mais uma placa de sinalização do porvir. Alguns deste seres saídos da fértil imaginação de Nereide Santiago projetam por suas vozes querelas passadas, ausências de coisas importantes, referências freudianas aos pais, como se quisessem descobrir a chave psicanalítica destas situações em que se estabeleceram, ou que foram obrigados por uma força estranha ao embarque neste obtuso universo.

Partidas e chegadas, uma sucessão de acontecimentos banais que tornam o cotidiano destes personagens maçantes, onde até os seus risos não querem rir, ou são exageradamente interpretados pelos bons atores de A BUSCA, criando um vínculo de falsidade cênica evidente. Risos descontrolados, mas que se controlam como ilusões de uma cena planejada, onde uma música incidental sempre prioriza o complemento deste roteiro de mesmices eventuais.

Uma viagem em um imaginário ônibus numa estrada esburacada, móveis mutantes que ora são bancos, ora são janelas, ora são camas, ora são parapeitos, uma metamorfose de objetos críveis num palco mágico, feito caixa de pandora, mas que poderiam surtir efeitos mais precisos, valorizando assim a dinamicidade destas transformações. O casal em pleno conflito em seu cubo de insatisfação, denotando uma difícil convivência, um casal que se agride e vocifera com certa ironia, e que acabam por exemplificar tudo nos gestos mímicos e no jogo de sombras, elementos que repercutem mais uma vez a opção de Nereide Santiago pela cena, pelo Teatro, e não pelo realismo puro e simples. O que está em jogo é o construir a cena, eliminando uma aproximação pueril do público, uma empatia que a diretora não quer, ou que trabalha para, de forma gradual, eliminar de sua montagem. A frieza de uma encenação que paradoxalmente aproxima o público pelo desconforto, visto aqui como mérito do jogo e não como apanágio de mais uma sacada teatral que já se tentou anteriormente. Eis a precisão de Nereide Santiago, e ela elege o caminho mais complicado para engendrar o seu Teatro, o caminho da reflexão pelo desconforto, driblando o velho e batido maniqueísmo ou jogo moral, comum em muitas de nossas teatralidades. Felizmente.

Cabe ao público se antecipar e colocar este desconforto a seu favor, seguindo o trilhar desta investigação de Irma e Lugo, na busca do sumiço meteórico de Clara (Gorete Lima) e Zama (Rodrigo Verçosa), seus amigos que partiram, e que misteriosamente estão tão próximos deles. Como se os mortos comandassem os vivos. Tudo é revestido de um tédio que inebria, pois como diz um dos personagens “nada tem nenhuma importância”, uma chave paradoxal e um achado de jogo de palavras de significado dubio da dramaturga Nereide Santiago. O simbólico da água como solvente universal, que tudo dilui, é notável, onde mais uma vez a apreciação dos personagens inóspitos alcança janelas da alma, agora com uma referência explícita ao sonho, ao surreal de Marc Chagall, numa das cenas de grande valor imagético de A BUSCA, onde o debruçar na janela é permeado de uma constante melancolia, aflitiva, mas que se recompõe pelo poder da água, elemento que permeia instantes significativos de toda narrativa “não-dramática”.

O elemento que reverbera em várias falas, a ausência dos pais, os objetos estranhos fazem das cenas alegorias da perdição, almas naufragadas pela inconstância de suas vidas, personagens-pesadelos,

mas que apesar de tudo prosseguem suas jornadas. A jornada por esta busca é árdua, passa por cybers-café, estradas e rios, buscando a outra margem que foi perdida, suas amizades, seus amigos, e lógico que aqui temos a busca de um sentido às suas existências. A imagem da janela é repleta deste manancial de possibilidades que se avantajam, mas que só causam deslumbramento repentino aos personagens: canoas que sobem e descem o rio, criaturas fantásticas que se avistam ao longe, pontos luminosos difusos, olhos e vagalumes... É a coragem pela busca, adentrando no estágio crucial da fuga, onde a percussão preenche o vazio de uma batida de coração desesperançado, e onde temos a cantora decadente que lembra uma cantora de um conto de Kafka, “Josefina, a cantora”, que traz de volta o lúdico pelo *back-light* envolto em sedução, simulação de uma nudez que não aparece, de um jogo de sombra sado-masoquista.

O império dos sentidos onde temos o pênis garrafa, a dança caótica com a boneca (uma espécie de marca registrada da cena da companhia A RÃ QI RI!), seduções e libações dos amantes numa cena de cama inconclusa, o gozo interrompido, o quase coito. Os diálogos se aproximam no decorrer do desfecho, lembrando os jogos de palavras usados exaustivamente por Ionesco em suas anti-peças (o caso mais notório é de A Cantora Careca), e acabam por seguir a linearidade das falas convencionais, incluindo aí os momentos de discordâncias do casal Clara e Zama.

Também ecoa no desfecho a verve de um Beckett, principalmente quando existe um questionar sobre a busca dos andantes: aonde eles chegaram? Ao lugar nenhum, vaticina um deles. O que ganhamos com isso? Pergunta outro. Nada, eis a resposta seca de outrem. O que afinal pretendemos? Nada, fulmina um deles. E assim tudo volta à estaca zero, eles se cansam disso tudo, e sabem que um dia terão de estacionar, que nada restará mais a fazer. O epílogo interroga o que foi encenado, ou tudo pode ser um sonho ou um pesadelo? Não foi encontrado nenhum vestígio, nem de Clara nem de Zama, e apenas a misteriosa cidade de Nova Campina poderia trazer mais alguma pista sobre onde eles poderiam estar enfiados. E surgem as palavras que redundam este nada, as mesmas de todo sempre do enredo, que ecoam em nossos ouvidos: a importância dos pais que são negligenciados, uns objetos estranhos, uma coisa muito grave que tivesse acontecido, são ecos distorcidos de cenas que são circulares, na aparência e na essência. Como último suspiro nisso tudo os viajantes que serviam de elo, como aparições espectrais, formam uma coreografia de uma corrida desenfiada pelo nada estático, ao som impactante de belo de “The Model”, da banda Kraftwerk. Uma verdadeira delícia. O blecaute antecipa o nada absoluto que preencheu o palco da RÃ QI RI nesta A BUSCA, uma peça que nos faz encontrar algo que estava perdido há muito: nós mesmos.